
Como citar: HARRIS, Edward C. & NOGUEIRA, Nathalia. Entrevista – Dr. Edward Harris. *CLIO Arqueológica*, v. 41, n. 1, e270292, 2026.

Recebido em 07/04/2026 | Aceito em 24/05/2026

ENTREVISTA

DR. EDWARD HARRIS

Edward Harris¹

<https://orcid.org/0009-0001-5034-8190>
scaurbda@icloud.com

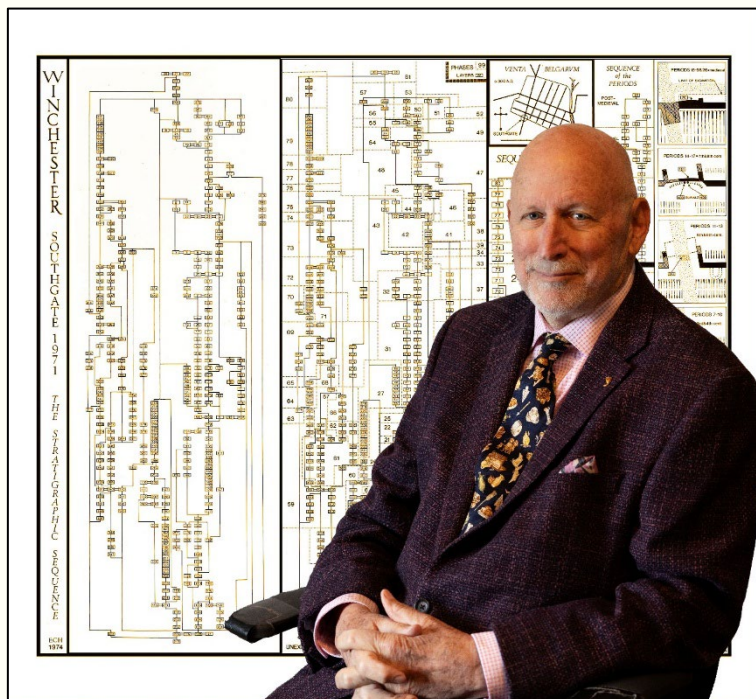
Nathalia Nogueira²

<https://orcid.org/0000-0003-0368-7680>
nathalia.csnogueira@ufpe.br

¹ National Museum of Bermuda, The Keep, Royal Navy Dock Yard, Bermudas

² Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil





Edward Harris é um arqueólogo bermudiano cuja produção teve impacto decisivo na consolidação da estratigrafia como eixo analítico central da arqueologia contemporânea. É reconhecido pela formulação da Matriz de Harris, desenvolvida na década de 1970 a partir de uma crítica às práticas de escavação então vigentes, consideradas insuficientes para representar, de forma sistemática, as relações estratigráficas. Essa proposição resultou na elaboração de um modelo metodológico próprio, posteriormente apresentado em *Principles of Archaeological Stratigraphy* (1979), obra que se tornou referência na disciplina e que pode ser consultada em <https://harrismatrix.com>.

Sua trajetória acadêmica teve início nos Estados Unidos, na Universidade de Miami, onde o contato com a arqueologia ocorreu a partir das aulas da antropóloga Lydia Lloyd Wyckoff. Em 1967, passou a integrar escavações em Winchester, na Inglaterra, experiência que marcou sua formação prática ao longo de sucessivas campanhas de campo. Posteriormente, concluiu sua formação em Antropologia pela Universidade de Columbia (1971) e obteve o doutorado em Arqueologia pelo University College London (1979), consolidando um percurso marcado pela articulação entre prática arqueológica e reflexão teórica.

Suas linhas de atuação concentram-se na teoria da estratigrafia arqueológica, nos métodos de registro e na gestão do patrimônio cultural. Para além da produção acadêmica, desempenhou papel extremamente importante na preservação do patrimônio nas Bermudas, onde atuou como diretor do National Museum of Bermuda por mais de três décadas, além de colaborar com iniciativas editoriais e de divulgação histórica. Ao longo de sua carreira, recebeu reconhecimento de instituições acadêmicas e patrimoniais internacionais.

A entrevista foi realizada em março de 2026, com base em respostas fornecidas por escrito, originalmente em inglês. A tradução para o português foi realizada pela autora.

Clio Arqueológica: Professor Harris, poderia nos contar quando e como seu interesse pela arqueologia começou? Houve alguma experiência ou momento específico que o levou a seguir esse caminho?

Edward Harris: No semestre de outono do ano de 1966, a professora Lydia Lloyd Wyckoff (posteriormente doutora e uma renomada antropóloga americana) ministrava uma disciplina obrigatória de humanidades na Universidade de Miami, na Flórida, onde eu havia iniciado meus estudos superiores no ano anterior. Matriculado inicialmente em Química, transferi-me para Administração, mas foi nas aulas da Dra. Wyckoff que o mundo da arqueologia despertou meu interesse. Naquela época, os estudantes podiam participar de escavações nos Estados Unidos mediante o pagamento de taxas consideráveis, mas a Dra. Wyckoff explicou que era possível ir para Winchester, na Inglaterra, como voluntário. Lá, os estudantes recebiam hospedagem e alimentação, além de um dólar por dia para o almoço. Assim, em janeiro de 1967, interrompi o semestre na universidade para trabalhar e juntar dinheiro e, em junho daquele ano, cheguei às escavações ao lado da Catedral de Winchester. O restante, como se costuma dizer, é história — ou melhor, a “história da arqueologia”.

Encantei-me pela escavação arqueológica e passei os cinco verões seguintes aprendendo a disciplina em Winchester, nos métodos Wheeler-Kenyon, sob a direção de Martin Biddle e Birthe Kjolbye-Biddle, trabalhando em sítios pré-históricos, romanos e medievais por toda a cidade. A arqueologia talvez deva algo à Dra. Wyckoff por ter tornado esse campo um tema tão fascinante para alguém vindo de um dos “lugares mais remotos” (como era considerado no século XVI) do planeta: a ilha das Bermudas.

Clio Arqueológica: Você criou a Matriz de Harris em 1973, enquanto estava envolvido em escavações em Winchester, Inglaterra. Poderia explicar qual necessidade específica de campo motivou essa inovação metodológica e como se deu o processo de formulação da ideia?

Edward Harris: A necessidade não surgiu durante escavações ativas, mas sim a partir do caos das análises pós-escavação e da necessidade, como hoje sabemos, de dispor de sequências estratigráficas para os sítios arqueológicos. Estas deveriam ser distintas dos desenhos de seções ou perfis, que eram então o ícone estratigráfico de nossa ciência e profissão.

No final de 1971, tive a oportunidade de supervisionar escavações em andamento no “Bryggen”, em Bergen, Noruega, um importante sítio arqueológico, graças à longa dedicação de seu notável diretor, o professor Asbjørn Herteig. O trabalho estava sendo realizado antes da construção do Museu de Bryggen, que, coincidentemente, foi financiado por um magnata norueguês do transporte marítimo, Erling Dekke Naess, que havia estabelecido residência em Bermudas (meu local de nascimento) desde o final da década de 1950.

Passei a maior parte de 1972 em Bryggen, utilizando seus métodos de registro, que incluíam muitos desenhos arquitetônicos, já que grande parte do piso térreo das construções de madeira havia sobrevivido sob camadas de cinzas, resultado de incêndios que ocasionalmente consumiam a cidade ou partes dela. Esses depósitos de incêndio eram utilizados como marcadores estratigráficos e, assim, os métodos de registro diferiam daqueles do sistema Wheeler-Kenyon, pelo qual eu havia sido introduzido ao mundo do tempo e da estratigrafia arqueológica. A questão inevitavelmente passou a ser: qual sistema estava correto, do ponto de vista estratigráfico, ou ambos tinham igual valor?

No início de 1973, retornei a Winchester e me envolvi no trabalho pós-escavação do sítio Lower Brook Street, escavado entre 1965 e 1971. Os registros consistiam em cerca de 70 cadernos de campo, cada um com aproximadamente cem páginas, cerca de 250 grandes plantas compostas de superfícies e seções transversais, que constituíam explicações visuais de mais de 20.000 unidades estratigráficas, como hoje se pode sugerir. Isso porque apenas “superfícies de significância” eram registradas e, portanto, do ponto de vista estratigráfico, o sítio estava sub-registrado em uma porcentagem superior a 50%. No entanto, não há culpa a atribuir aqui, pois os métodos de registro Wheeler-Kenyon não reconheciam a supremacia das superfícies na análise estratigráfica, embora alguns elementos incipientes de “estratigrafia arqueológica” já estivessem presentes nas obras publicadas por Dame Kathleen Kenyon e Sir Mortimer Wheeler na década de 1950.

O trabalho pós-escavação era conhecido pela expressão de Kenyon como “faseamento” (phasing), e fui, portanto, instruído a “organizar tudo”, ou, como diríamos hoje, construir uma “sequência estratigráfica”. Essa entidade é hoje a “Matriz de Harris”, o padrão único de verificação e o calendário estratigráfico de qualquer sítio arqueológico, independentemente de sua dimensão geográfica ou complexidade estratigráfica. O método de faseamento, derivado de Kenyon, era escrito, pois os dados dos cadernos deveriam ser reescritos em ordem de “fases” em formulários de papel. Em outras palavras, após ler as relações estratigráficas, o pesquisador decidia quais unidades pertenciam a uma mesma fase no desenvolvimento do sítio.

Em retrospectiva, essa reescrita era um desastre administrativo para sítios com milhares de unidades estratigráficas, enquanto, com formulários modernos de uma unidade por página, ou registros em iPad, os dados podem ser reorganizados em fases sem a repetição trabalhosa de informações. Como parte do processo de “organizar tudo”, diagramas incipientes de sequência estratigráfica eram elaborados para indicar quais unidades poderiam pertencer a uma fase, mas não havia regras aplicadas a isso, exceto a lei geológica da superposição, isto é, “o que veio primeiro” estratigraficamente.

Durante o processo de faseamento, à medida que as questões se tornavam muito complexas rapidamente, comecei a pensar que precisava ver os dados de forma organizada. Como diríamos hoje, eu precisava visualizar a sequência estratigráfica, as cadeias de eventos estratigráficos, sem qualquer dado além do estratigráfico. O mapa seminal de H. C. Beck do metrô de Londres fazia exatamente isso ao ignorar a geografia das estações e apresentar apenas suas “sequências estratigráficas”, em uma mudança paradigmática visual que permanece em voga.

Ao escrever o exposto, deve-se compreender que a expressão “sequência estratigráfica” não entrou em uso corrente até após a invenção da Matriz de Harris. No entanto, não é fácil descrever o que eu estava fazendo, consciente ou inconscientemente, em fevereiro de 1973, ao aprender a realizar o “faseamento” em Winchester, sem agora denominar o “faseamento” pelo que ele era: a tentativa de

criar sequências estratigráficas para os sítios após a conclusão da escavação, em vez de durante o processo de escavação e registro. Muitos na arqueologia hoje admitem que frequentemente é impossível criar tal sequência após o término da escavação.

Assim, na noite de quarta-feira, 28 de fevereiro de 1973, eu estava trabalhando até tarde em uma prancheta, tentando organizar diagramas estratigráficos que originalmente pareciam um prato de espaguete achatado, quando comecei a rabiscar. Eu desenhava sobre uma folha transparente de mylar, com outra folha com grade métrica por baixo, e comecei a fazer pequenas caixas retangulares com espaços entre elas. Depois que, em tinta preta, várias dezenas de caixas apareceram no mylar, percebi que havia encontrado um formato no qual os dados poderiam ser inseridos para criar sequências.

Trabalhei durante a noite para produzir um desenho completo de caixas e espaços, ao qual dei, em tom de brincadeira, o nome de “Matriz de Harris”, enquanto o rotulava como um “Diagrama de Camadas” (Layer Chart). Isso porque, em 1973, as “camadas”, ou unidades deposicionais da estratificação, eram predominantes: afinal, podiam ser escavadas, já que os arqueólogos eram, antes de tudo, “escavadores”. Assim como o tempo, as superfícies não existem a menos que sejam registradas em um mapa ou planta, e, portanto, não eram vistas como equivalentes (ou até mais valiosas) do que aquilo que podia ser escavado e registrado estratigraficamente. Dessa forma, as camadas eram os registros mais importantes nos cadernos de campo, correspondendo à maioria das anotações, enquanto algumas superfícies, como fossas e buracos de poste, eram rotuladas como “feições”.

No dia seguinte, tive discussões com outros, incluindo Martin Biddle, sobre o que a Matriz de Harris poderia fazer, embora tenham sido necessários alguns anos para desenvolver plenamente o tema e produzir a tão necessária independência da arqueologia em relação à geologia, bem como os *Princípios de Estratigrafia Arqueológica* (publicados no final de 1979). Uma vez que eu tinha o desenho da Matriz como formato para apresentar dados estratigráficos, foram necessários apenas alguns meses para inserir as dez mil unidades registradas do sítio Lower Brook Street em sua “Sequência Estratigráfica” única – manualmente, nos tempos anteriores aos computadores pessoais.

Clio Arqueológica: A Matriz de Harris transformou profundamente a maneira como a estratigrafia arqueológica é compreendida, deslocando o foco do simples perfil estratigráfico para uma leitura mais complexa das relações temporais entre contextos. Como foi perceber que essa metodologia exigia não apenas uma nova ferramenta, mas também uma nova forma de pensar o tempo arqueológico?

Edward Harris: O que era necessário era uma nova forma de ver o tempo arqueológico, mudar a maneira de pensar o tempo em um sítio de uma sequência física unidimensional (vista em um desenho de seção ou perfil) para um calendário do tempo, isto é, um diagrama abstrato de eventos sequenciais, que é a única maneira de ver o tempo. A Matriz de Harris está para a massa física da estratificação assim como o Calendário Gregoriano está para o nascer e o pôr do sol, ou para a sucessão das estações.

Os diagramas de tempo indispensáveis para os arqueólogos são o mostrador de um relógio de pulso (analógico, não digital), o Calendário Gregoriano e, claro, um desenho da Matriz de Harris. A vida, presente e passada, sem eles está destinada ao caos.

O chamado era por uma mudança no paradigma visual de como os arqueólogos viam o tempo relativo nos sítios. A Matriz de Harris foi, portanto, uma revolução na maneira de ver o tempo na arqueologia, uma epifania artística (“um momento súbito... de compreensão que muda a forma como você vê algo”). A mudança no modo de pensar as estratigrafias arqueológicas e suas sequências inerentemente imparciais seguiu-se com a formulação das leis e princípios da estratigrafia arqueológica, que definiram uma nova ciência.

Para responder ainda a algumas questões sobre o tempo arqueológico, pode-se citar um geólogo profissional a partir de uma busca na internet por “O que é um Perfil Geológico?”. O autor pede que você “imagine que a terra é um bolo em camadas, e você o corta ao meio – e o observa de lado. Você pode ver as camadas abaixo do solo. Isso é um perfil geológico. É ver a geologia da terra na terceira dimensão (profundidade)”. Outro geólogo respondeu: “Um perfil geológico (seção transversal) é uma representação bidimensional do subsolo que mostra unidades rochosas, estruturas e suas relações espaciais ao longo de uma linha definida.”

O exposto acima é, em geral, o que a arqueologia herdou da geologia para sua filosofia estratigráfica inicial, e o perfil ou “seção” tornou-se nosso ícone profissional, isto é, “uma pequena imagem simbólica... considerada um símbolo representativo de um movimento cultural, crença” – quase um culto! A seção tornou-se a principal imagem pela qual se dizia demonstrar a sequência estratigráfica de um sítio. Isso funciona bem até que se encontrem estratigrafias complexas (isto é, com numerosas unidades), como em um tell no Oriente Médio ou em um sítio urbano em qualquer parte do mundo, nos quais as seções têm utilidade apenas limitada.

A questão evidente é que não podemos escavar lateralmente, nem podemos ter seções suficientes para tentar reconstruir superfícies. Como observado acima, as seções representam apenas uma das quatro dimensões da estratificação, a saber, a profundidade ou espessura dos depósitos. Evidentemente, o desenho em si é bidimensional, mas isso é irrelevante para a dimensão estratigráfica, que é apenas uma: a profundidade. As outras dimensões físicas de comprimento e largura (área) são mantidas pelas superfícies, e a quarta dimensão, o tempo, permeia, por assim dizer, todos os cantos de um sítio e é representada em uma Matriz de Harris.

As quatro dimensões são representadas de forma abstrata em um diagrama de Matriz, mas, na realidade, a dimensão de espessura é representada pelas seções, as duas dimensões horizontais que nos dão a área são capturadas em planta, e o tempo, a quarta, emerge do estudo das três primeiras como estratificação, para ser representado nas sequências relativas de uma Matriz de Harris.

Uma seção é representativa da sequência estratigráfica, mas APENAS para a “linha” de unidades estratigráficas capturada dentro dos limites da imagem seccional (aquelas dimensões irrelevantes mencionadas acima). As seções só podem indicar a “configuração do terreno” das superfícies, pois superfícies completas só podem ser registradas a partir de uma plataforma horizontal, em área, não em profundidade. As seções, evidentemente, mostram as camadas, ou depósitos, que, como sugerido, foram icônicas para os arqueólogos por um longo período. No entanto, se você pede

que um sítio seja reconstruído – certamente a principal função do arqueólogo -, é necessário produzir plantas topográficas das superfícies após cada período de deposição. Isso é impossível de fazer sem registrar plantas individuais de cada superfície de um sítio.

O surgimento da Matriz de Harris e de seus princípios associados de estratigrafia arqueológica transformou nosso paradigma visual unidimensional (seções) nas quatro dimensões completas da estratificação, a saber, depósitos, superfícies e tempo. Todos eles são representados nas Matrizes de Harris, isto é, nas sequências estratigráficas, uma vez que o tempo deve ser representado em um diagrama abstrato, interpretado a partir dos vestígios físicos e imateriais (superfícies) de um sítio em seu registro de estratificação.

Uma vez que a Matriz de Harris existia e se mostrava um sistema verdadeiro, percebi que havia outras questões, pois a inserção de dados de alguns sítios era consistente com o antigo adágio da informática: “lixo entra, lixo sai”. Ou seja, para repetir: “na computação e em outras áreas, entradas incorretas ou de baixa qualidade sempre produzirão saídas defeituosas”. Portanto, não se tratava apenas do tempo nos sítios arqueológicos, mas de como eles eram registrados, o que tornava impossível reconstruir uma sequência estratigráfica após o término da escavação. Foi isso que me levou à afirmação de que precisamos evoluir dos preceitos geológicos da estratigrafia para nossa própria ciência e princípios da estratigrafia arqueológica. Consegui avançar nessa questão em minha tese de doutorado no University College London, concluída no final de 1978, com o livro *Principles of Archaeological Stratigraphy* sendo publicado no dezembro seguinte.

Por interesse, incluo abaixo uma definição de “Sistema Verdadeiro” encontrada na internet, pois parece descrever a essência da estratificação, cuja interpretação forma o todo unificado de uma sequência estratigráfica, ou Matriz de Harris:

“Um ‘sistema verdadeiro’ refere-se a um grupo coeso e interconectado de componentes que atuam juntos de acordo com um conjunto de regras para formar um todo unificado. Diferentemente de uma mera coleção de partes, um sistema verdadeiro é caracterizado pela interdependência, na qual a mudança em um componente afeta os demais, e pela emergência, na qual o sistema produz resultados que as partes individuais não conseguem alcançar isoladamente.”

Por “sistema verdadeiro”, reitero também minha crença, desde sua criação, de que a Matriz de Harris era um sistema correto, talvez por mero acaso, e que o “lixo na saída” não se devia à própria Matriz, mas ao registro original inadequado da estratigrafia do sítio.

Clio Arqueológica: A Matriz de Harris tornou-se uma das ferramentas metodológicas mais influentes da arqueologia moderna. Em sua opinião, qual foi o principal equívoco ou mal-entendido que os arqueólogos inicialmente tiveram sobre a Matriz e sua aplicação?

Edward Harris: A principal objeção à Matriz de Harris decorreu do fato de que o paradigma da seção física foi substituído pela sequência estratigráfica abstrata, expressa nos diagramas de matriz. Assim, pode-se dizer que a objeção foi de natureza cultural, não necessariamente científica. Alguns geólogos

também se opuseram, mas, de modo geral, a maioria aceitou que a mudança era importante e necessária, pois o estado dos registros estratigráficos dos sítios arqueológicos era potencialmente um grande escândalo. A falta de registros estratigráficos adequados significa que muitos sítios ao redor do mundo, anteriores à década de 1980, são apenas evidências de escavações que resultaram em “buracos rumo ao esquecimento” no que diz respeito à história topográfica de uma área.

No entanto, é possível que alguns arqueólogos tenham resistido às mudanças provocadas pela introdução da Matriz de Harris devido à natureza dos registros anteriores nos sítios arqueológicos. A Matriz e os conceitos e regras associados para o registro das estratificações evidenciaram algumas das limitações dos métodos arqueológicos mais antigos, e essa exposição pode não ter sido bem recebida por certos arqueólogos. Há também um componente cultural: em alguns círculos, a seção tornou-se simbólica de uma espécie de culto arqueológico e, assim, criticá-la equivalia quase a uma blasfêmia.

O fato de que a Matriz de Harris e os conceitos associados permanecem poderosos e úteis 50 anos depois pode indicar que as objeções à mudança de paradigma diminuiram.

Clio Arqueológica: Sua proposta metodológica ajudou a tornar mais explícitas as relações temporais entre contextos arqueológicos. Na sua perspectiva, o registro arqueológico é algo que os arqueólogos descobrem ou algo que também, de certa forma, constroem por meio da interpretação?

Edward Harris: O valor de utilizar a Matriz de Harris durante a escavação reside no fato de que as relações estratigráficas não serão negligenciadas, pois cada unidade é inserida na sequência no momento de sua descoberta: imediatamente, e não meses ou anos após a escavação. Com a Matriz sendo construída à medida que se escava, cada escavador conhece sua posição na sequência estratigráfica, de modo que as relações estratigráficas das unidades, ou contextos, tornam-se completamente explícitas, ali na parede do abrigo de campo, visíveis para todos.

O registro estratigráfico de um sítio arqueológico é um registro imparcial dos eventos passados e das consequências das ações humanas em uma determinada área, mas ninguém se propõe deliberadamente a criar um registro de estratificação. Evidentemente, o arqueólogo que escava deve fazer julgamentos sobre a extensão de uma superfície antes de registrá-la, antes da escavação ou remoção dos depósitos que “sustentam” essa superfície imaterial. Embora se possa errar ao definir os limites de uma superfície ou na escavação de um depósito, a sequência estratigráfica se constrói à medida que as unidades são definidas.

Em outras palavras, um arqueólogo que não possui aptidão para a escavação provavelmente interpretará incorretamente os limites de superfícies e depósitos, mas ainda assim deve registrar a superfície antes de iniciar a escavação. Ao fazer isso, a unidade ocupa seu lugar na sequência, independentemente de uma possível má interpretação. Se as superfícies forem mapeadas e as relações estratigráficas de sobreposição e subposição forem registradas, a sequência estratigráfica se constrói por si mesma, mesmo que alguns registros físicos estejam ligeiramente incorretos.

O arqueólogo, evidentemente, descobre a configuração do terreno, as unidades de estratificação, por meio de sua capacidade de interpretar mudanças em superfícies e depósitos. Ele está sempre buscando responder à pergunta fundamental entre quaisquer duas unidades: “qual veio primeiro?”, que é a principal interpretação na construção da sequência estratigráfica. Claramente, o registro estratigráfico imparcial existe para ser descoberto (e, em última instância, destruído) durante a escavação. Cabe ao arqueólogo garantir que sua interpretação e registro dessa realidade descoberta estejam à altura da tarefa de produzir um diagrama de sequência estratigráfica e que as superfícies do sítio tenham sido devidamente registradas, de modo que sua reconstrução possa ser realizada para cada período de ocupação.

O valor da Matriz de Harris está no fato de ter sistematizado o registro da estratificação, em contraste com práticas anteriores, nas quais cada diretor de escavação podia criar seu próprio sistema, resultando em um cenário de caos na profissão. A interpretação do significado cultural e histórico dos vestígios contidos nos estratos, bem como a evolução topográfica da superfície de um sítio, pode ser confiada a especialistas de diversas áreas da pesquisa arqueológica. A esses especialistas é fornecido o diagrama da Matriz – a sequência estratigráfica – que constitui o “padrão de teste” contra o qual grande parte de suas interpretações deve ser analisada e verificada.

Esses especialistas que não participam da escavação devem ser fluentes na ciência e nos princípios da estratigrafia arqueológica, pois, caso surjam conflitos em suas interpretações, geralmente serão os artefatos, ou outros vestígios materiais, o problema – e não a sequência estratigráfica imparcial. Diferentemente dos estratos, os artefatos são suspeitos, pois podem se deslocar sem perder sua composição original. Sua interpretação deve ser testada dentro da unidade em que foram encontrados e em relação a outros objetos na cadeia estratigráfica imediata na qual essa unidade está inserida. Se os objetos estiverem cronologicamente fora de sincronia nessa cadeia, a sequência não pode ser alterada ou “revertida”; deve-se buscar explicações para o desalinhamento dos artefatos em relação aos demais na sequência, no tempo absoluto.

O arqueólogo escavador deve ser, antes de tudo, um “estratigrafista” habilidoso, para garantir que os dados estratigráficos não sejam perdidos, pois escavar é destruir. Se o escavador não registrar corretamente a sequência estratigráfica durante a escavação, ela provavelmente será irrecoverável em análises posteriores. As interpretações subsequentes podem ou não estar corretas, mas a sequência estratigráfica sobre a qual se baseiam deve ser irrepreensível.

A importância da sistematização global na arqueologia não pode ser exagerada. A estratificação é a mesma em qualquer lugar, independentemente dos contextos culturais ou cronológicos, e deve ser registrada segundo o padrão da Matriz. Um dos princípios fundamentais da formação em arqueologia deve ser o domínio da Matriz e dos princípios de registro estratigráfico, que são pré-requisitos para qualquer interpretação posterior. Se os estudantes não conseguirem dominar esses princípios, certamente não deveriam ser autorizados a escavar. Além disso, se não forem capazes de assimilá-los, seu trabalho posterior em diversas áreas especializadas deve ser considerado questionável. Boas interpretações, independentemente do tema, dependem irrevogavelmente de bons registros estratigráficos sistematizados – métodos universais que foram estabelecidos para a arqueologia pela Matriz e seus princípios.

O que o eminente geólogo Sir Charles Lyell afirmou sobre a estratificação há mais de um século pode ser igualmente aplicado aos sítios arqueológicos, uma vez que nossos vestígios são, por assim dizer, a mais recente e “Maior Discordância” na história da estratificação da Terra:

“Mas o testemunho dos monumentos geológicos [estratificação], embora frequentemente imperfeito, possui ao menos a vantagem de estar livre de qualquer deturpação intencional. Podemos nos enganar nas inferências que dele tiramos... mas nossa possibilidade de erro está limitada à interpretação, e, se esta for correta, nossa informação é segura.” (ênfase adicionada)

Clio Arqueológica: Você adquiriu os direitos autorais de seu livro para torná-lo livremente acessível em seu site. O que significa, para você, disponibilizar essa obra de forma aberta à comunidade arqueológica?

Edward Harris: É de extrema importância que os arqueólogos que escavam trabalhem estratigraficamente, durante a escavação e, igualmente importante, em seus métodos de registro. Diferentemente de muitos experimentos científicos, aqueles da arqueologia que envolvem escavação – e, portanto, a destruição de um sítio – não podem ser replicados. Os elementos físicos que comporiam a “receita” do experimento são apenas parcialmente amostrados, enquanto o restante é descartado.

O que podemos fazer é reconstruir as superfícies de um sítio e, assim, sua topografia e geografia ao longo do tempo: isso só pode ser feito se nossos princípios de registro estratigráfico forem seguidos e se as sequências estratigráficas forem elaboradas. Acredito que os princípios da estratigrafia arqueológica são imutáveis, não se alteram com o tempo, e que foram adequadamente formulados em *Principles of Archaeological Stratigraphy*. Independentemente do contexto cultural, esses princípios são aplicáveis em qualquer lugar e representam a melhor forma de registrar a história estratigráfica de cada sítio único.

Com o objetivo de incentivar o uso desses princípios, decidi disponibilizar o livro gratuitamente, após adquirir o restante da segunda edição junto aos editores e, assim, recuperar os direitos autorais de todo o meu trabalho. Outros arqueólogos concordaram com essa iniciativa e, por isso, cerca de uma dúzia de edições em diferentes idiomas também estão disponíveis para download gratuito em www.harrismatrix.com. Atualmente, o site é mantido por amigos americanos, que não são arqueólogos, mas que compreendem a importância da livre disseminação desses princípios na arqueologia em escala global. O site original foi criado pelo Professor Dr. Wolfgang Neubauer e seus colegas na Universidade de Viena, em 2005, pelo que somos gratos.

Clio Arqueológica: O livro foi traduzido para mais de dez idiomas. Como o senhor percebe o alcance global da Matriz de Harris e de seu trabalho em diferentes tradições arqueológicas ao redor do mundo?

Edward Harris: A partir do site, nos últimos dez anos, houve mais de doze mil downloads de *Principles* em formato PDF. Considerando que um PDF pode ser compartilhado livremente, supõe-se que muitos milhares de arqueólogos, estudantes de arqueologia e pessoas interessadas no tema tenham obtido cópias do livro e, assim, tenham sido influenciados a “fazer corretamente”! A internet tornou possível alcançar a comunidade arqueológica em escala global e, portanto, não há desculpa para práticas estratigráficas inadequadas em qualquer escavação, em qualquer lugar!

Clio Arqueológica: Se você pudesse retornar a 1973, ao momento em que a Matriz foi criada, faria algo de forma diferente?

Edward Harris: O registro correto dos dados estratigráficos dos sítios arqueológicos é fundamental para os padrões éticos que os arqueólogos devem possuir. Se algo, em retrospectiva, pudesse ter sido feito de maneira diferente, eu teria sido ainda mais apaixonado e dogmático na difusão da ideia de que o paradigma da arqueologia precisava mudar – e que essa mudança já havia sido realizada por meio da Matriz de Harris.

Clio Arqueológica: Há algum aspecto de sua trajetória acadêmica ou profissional que não seja amplamente conhecido, mas que o senhor gostaria de compartilhar com nossos leitores?

Edward Harris: Após um processo judicial sobre direitos de publicação em arqueologia, em 1980 retornei à minha ilha natal e acabei me tornando o primeiro diretor do que transformamos no Museu Nacional de Bermudas. Seria um período de seis meses, mas que acabou durando 37 anos, até 2017: realizamos muitas pesquisas arqueológicas e outros importantes projetos de patrimônio.

Clio Arqueológica: O que o entusiasma na arqueologia hoje?

Edward Harris: Retomando a importância fundamental do registro das superfícies (uma tarefa tediosa em tempos anteriores), a invenção do escaneamento a laser, dos SIG (Sistemas de Informação Geográfica) e de outros métodos digitais de registro e interpretação transformou as escavações modernas em uma atividade quase onírica para os arqueólogos mais antigos, que precisavam fazer

tudo manualmente. A reconstrução da topografia, por exemplo, pode ser feita com o simples pressionar de um botão: que maravilhoso mundo estratigráfico é hoje para todos na arqueologia.

Clio Arqueológica: Há algo que a arqueologia lhe ensinou sobre a vida para além do campo científico?

Edward Harris: Sempre disse em minhas aulas sobre princípios: se você aprender a pensar estratigraficamente, isso mudará a maneira como você vê o mundo – de forma irrevogável e para melhor!

Clio Arqueológica: Que conselho o senhor daria a jovens pesquisadores e arqueólogos que estão iniciando suas carreiras na disciplina?

Edward Harris: Vocês estão ingressando em uma das profissões mais maravilhosas já criadas: vocês são as pessoas do Passado, e elas estão contando com vocês para fazer o trabalho corretamente, para fazê-lo de forma estratigráfica. Por meio do seu trabalho impecável em estratigrafia arqueológica, elas podem voltar a viver, quando todos os outros vestígios de suas vidas e de seus tempos não forem mais do que areia e superfícies em uma massa de estratificação.

Fim

INTERVIEW

DR. EDWARD HARRIS



Edward Harris is a Bermudian archaeologist whose work has had a decisive impact on the consolidation of stratigraphy as a central analytical framework in contemporary archaeology. He is best known for the formulation of the Harris Matrix, developed in the 1970s from a critique of then-current excavation practices, which were considered insufficient to systematically represent stratigraphic relationships. This proposal led to the development of a methodological model of his own, later presented in *Principles of Archaeological Stratigraphy* (1979), a work that has become a key reference in the field and can be accessed at <https://harrismatrix.com>.

His academic trajectory began in the United States, at the University of Miami, where his interest in archaeology was sparked through the classes of the anthropologist Lydia Lloyd Wyckoff. In 1967, he began participating in excavations in Winchester, England, an experience that shaped his practical training over successive field campaigns. He later completed his degree in Anthropology at Columbia University (1971) and obtained his PhD in Archaeology from University College London

(1979), consolidating a career marked by the articulation between archaeological practice and theoretical reflection.

His areas of work focus on the theory of archaeological stratigraphy, recording methods, and heritage management. Beyond academia, he played a highly significant role in heritage preservation in Bermuda, where he served as director of the National Museum of Bermuda for more than three decades, in addition to contributing to editorial initiatives and historical dissemination. Throughout his career, he has received recognition from international academic and heritage institutions.

The interview was conducted in March 2026, based on written responses originally provided in English. The translation into Portuguese was carried out by the author.

Clio Arqueológica: Professor Harris, could you tell us when and how your interest in archaeology first began? Was there any particular experience or moment that led you down this path?

Edward Harris: In the autumn semester of the year 1966, lecturer Lydia Lloyd Wyckoff (later Dr. and a renowned American anthropologist) taught a required humanities course at the University of Miami in Florida, where I had begun higher studies a year previous. Enrolled in chemistry, I transferred to business, but in Dr. Wyckoff's lectures, the world of archaeology became an interest. In those days, students could join excavations in the United States at the cost of considerable tuition, but Dr. Wyckoff explained that one could go to Winchester, England, and volunteer. There they would board and house students and give them a dollar a day for lunch. So, in January 1967, I took the semester off university to earn money and that June arrived at the excavations next to Winchester Cathedral. The rest they say is history, or rather the "history of archaeology".

I became enamored of archaeological excavation and spent the next four summers learning the subject at Winchester in the Wheeler-Kenyon methods, under the direction of Martin Biddle and Birthe Kjolbye-Biddle, working on prehistoric, Roman and medieval sites throughout the town, over 5 summers. Archaeology perhaps owes a debt to Dr. Wyckoff for making archaeology such a riveting subject for an outlier from one of the "remotest places" (in the 1500s) on the planet, the island of Bermuda.

Clio Arqueológica: You created the Harris Matrix in 1973 while you were involved in excavations in Winchester, England. Could you explain what specific need in the field triggered this methodological innovation, and how the process of formulating the idea unfolded?

Edward Harris: The need was triggered not on active excavations, but by the chaos of post-excavation analyses and the need, as we now know, to have stratigraphic sequences for archaeological sites. Those would have to be distinct from section or profile drawings, then the stratigraphic icon in our science and profession.

In late 1971, I had the opportunity of supervising ongoing excavations on the “Bryggen” in Bergen, Norway, a major archaeological site, due to the longstanding dedication of its outstanding director, Professor Asbjørn Herteig. The work was in advance of the building of the Bryggens Museum, which coincidentally was funded by a Norwegian ship magnate, Erling Dekke Naess, who had made his home in Bermuda (my birthplace) since the later 1950s.

I spent most of 1972 on the Bryggen, using their methods of recording, which included a lot of architectural drawings, as much of the ground floor of the timber buildings survived under layers of ash, the result of the town or part of it being consumed occasionally by fire. Such fire deposits were used as stratigraphic markers and thus the recording methods differed from those of the Wheeler-Kenyon system by which I had been inculcated into the world of time and archaeological stratification. The question inevitably became formulated as to which system was correct, stratigraphically speaking, or were both methods of equal value?

In early 1973, I returned to Winchester and was engaged on post-excavation work of the Lower Brook Street site, excavated between 1965 and 1971. The records consisted of some 70 site notebooks, each of a hundred pages or so, some 250 large composite surface plans and cross-sections, the visual explanations of upwards of 20,000 stratigraphic units, an amount as may now be suggested. That is because only “surfaces of significance” were recorded and therefore, stratigraphically speaking, the site was under-recorded by a percentage heading upwards of 50 per cent. However, there is no blame to assign here, as the Wheeler-Kenyon methods of recording did not recognize the supremacy of surfaces in stratigraphic analysis, although some incipient elements of “archaeological stratigraphy” were inherent in the published works of Dame Kathleen Kenyon and Sir Mortimer Wheeler from the 1950s.

The post-excavation work was known by the Kenyon phrase of “phasing” and I was thus instructed to “sort it out”, or as we know now: make a “stratigraphic sequence”. That entity is now a “Harris Matrix”, the unique testing pattern and stratigraphic calendar of every archaeological site, no matter its geographical size or stratigraphic complexity. The phasing method, derived from Kenyon, was a written one, as the data from the notebooks was to be rewritten in “phase” order on paper forms. In other words, after reading the stratigraphic relationships, the researcher decided which units belong together in a phase in the development of the site.

In retrospect, the re-writing was an administrative disaster for sites with thousands of stratigraphic units, whereas with modern one-unit-per-page forms, or iPad entries, data can be shuffled into phases, with no laborious repetition of information. As a part of “sorting it out”, incipient stratigraphic sequence diagrams were made to indicate what units might belong together for a phase, but there were no rules applied to that except the geological law of superposition, that is, “which came first” stratigraphically.

During the phasing process, as matters became very complex very quickly, I began to think that I needed to see the data in an organized fashion. As we would say now, I needed to see the stratigraphic sequence, the chains of stratigraphic events, without any data other than stratigraphic. H. C. Beck’s seminal map of the London Underground did precisely that by ignoring the geography of the subway stations and presenting only their “stratigraphic sequences”, in a visual paradigm shift, yet in vogue.

In writing the above, it must be understood that the phrase “stratigraphic sequence” did not come into common parlance until after the invention of the Harris Matrix. However, it is not easy to describe what I was doing, consciously, or unconsciously, in February 1973, as I learned to do “phasing” at Winchester, without now calling the “phasing” for what it was: the attempt to create stratigraphic sequences for sites after the completion of the excavation, instead of during the process of digging and recording. Many in archaeology will now admit that it is often impossible to create such a sequence after the fact of excavation.

Thus, on Wednesday evening of 28 February 1973, I was working late on a drawing board, attempting to straighten up the stratigraphic diagrams that originally looked like a flattened plate of spaghetti, when I started to doodle. I was drawing on a clear piece of mylar with another with a metric grid underneath and I started to make small rectangular boxes with spaces between them. After, in black ink, several dozen boxes appeared on the mylar, I knew I had a format into which the data could be entered to create sequences.

I worked into the night to produce whole drawing of boxes and spaces, which I named in jest, the “Harris Matrix”, while labelling it a “Layer Chart”. That was because in 1973, “layers”, or the depositional units of stratification, reigned supreme: after all they could be excavated, as archaeologists were first and foremost “diggers”. Like time, surfaces do not exist unless recorded in a map or plan and were thus not seen to be as equal (or even more valuable) than things that could be excavated and recorded stratigraphically. Thus, layers were the most important entries in the site notebooks, accounting for most of the entries, while some surfaces, such as pits and post-holes, were labelled as “Features.”

The next day, I had discussions with others, including Martin Biddle, as to what the Harris Matrix could do, though it would take some years to sort out the subject fully and produce the much-needed independence from geology of our own science and *Principles of Archaeological Stratigraphy* (published late 1979). Once I had the Matrix drawing as a format to display stratigraphic data, it only took several months to input the ten thousand recorded units from the Lower Brook Street site into its unique “Stratigraphic Sequence”—by hand, in pre-PC days.

Clio Arqueológica: The Harris Matrix profoundly transformed the way archaeological stratigraphy is understood, shifting the focus from the simple stratigraphic profile to a more complex reading of the temporal relationships between contexts. What was it like to realize that this methodology required not only a new tool, but also a new way of thinking about archaeological time?

Edward Harris: What was needed was a new way of *seeing* archaeological time, to change the way of thinking of time on a site from the one-dimensional *physical* sequence (seen in a section or profile drawing) to a *time* calendar, that is an abstract diagram of sequential events, which is the only way to *see* time. The Harris Matrix is to the physical mass of stratification, as the Gregorian Calendar is to the rising and setting of the sun, or the coming and going of the seasons. The indispensable time diagrams

for archaeologists are the *face* of a wristwatch (analog, not digital), the *Gregorian Calendar* and, of course, a *Harris Matrix* drawing. Life, present and Past, without them is destined for chaos.

The call was for a change in the *visual* paradigm of how archaeologists saw relative time on sites. The Harris Matrix was thus a revolution in the way of seeing time in archaeology, an artistic epiphany (“a sudden moment...or understanding that changes how you see something”). The change in thinking about archaeological stratifications and its inherent unbiased sequences followed in the outlining of the laws and principles of archaeological stratigraphy, which defined a new science.

To further answer some of questions about archaeological time, one can quote a professional geologist from an internet search for “What is a Geological Profile?”. The writer asks that you “Imagine that the earth is a layer cake, and you cut it in half—and look at it from the side. You can see the layers below the ground. That’s a geologic profile. It is seeing the earth’s geology in the third dimension (depth).” Another geologist answered: “A geological profile (cross section) is a two dimensional representation of the subsurface that shows rock units, structures, and their spatial relationships along a defined line.”

The above is generally what archaeology inherited from geology for its early stratigraphic philosophy and the profile or “section” became our professional icon, that is, “a small symbolic picture...regarded as a representative symbol of a cultural movement, belief” – a cult even! The section became the principal image by which the stratigraphic sequence of a site was said to be demonstrated. This is all well and good until complex (that is, numerous units) stratification is encountered, such as in a *tell* in the Middle East or an urban site anywhere in the world, wherein sections are of only of limited use.

The obvious issue is that we cannot excavate sideways, nor can we have enough sections to try and reconstruct surfaces. As noted above, sections represent only one of the four dimensions of stratification, namely, the depth or thickness of deposits. Clearly the actual drawing is two-dimensional, but that is irrelevant to the stratigraphic dimension, which is only one, depth. The other physical dimensions of length and width (area) are held by the surfaces and the fourth dimension, time, permeates, if you will, all four corners of a site and is represented in a Harris Matrix.

All four dimensions are abstractly represented in a Matrix diagram, but in reality, the thickness dimension is represented by sections, the two horizontal dimensions that give us area are captured in plan form, and time, the fourth, evolves from the study of the first three as stratification, to be represent in the relative sequences of a Harris Matrix.

A section is representative of the stratigraphic sequence, but ONLY for the “line” of stratigraphic units captured within the confines of the sectional image (those irrelevant two dimensions mentioned above). Sections can only indicate the “lay of the land” of surfaces as full surfaces can only be recorded from a horizontal platform, in area, not depth. Sections of course show the layers, or deposits, which, as suggested, were iconic of archaeologists for a long period. Yet, if you ask for a site to be reconstructed – surely the primary duty of the archaeologist – they must produce topographical plans of the surfaces after each period of deposition. That is impossible to do without recording individual plans of every surface on a site.

The coming of the Harris Matrix and its attendant principles of archaeological stratigraphy changed our one-dimensional visual paradigm (sections) to the full four dimensions of stratification, namely, deposits, surfaces, and time. They are all represented in Harris Matrices, that is, stratigraphic sequences, as time must be represented in an abstract diagram, as interpreted from the physical and immaterial (surfaces) remains of a site in its record of stratification.

Once the Harris Matrix existed and was proving to be a true system, I realized that there were other issues, as the input of data from some sites were consistent with the old computer adage, “Garbage in, garbage out”. That is to repeat: “in computing and other spheres, incorrect or poor-quality input will always produce faulty output”. Hence, it was not just about time on archaeological sites, but how they were recorded that made it impossible to reconstruct a stratigraphic sequence after the fact of excavation. That is what led to my assertion that we need to evolve from geological precepts of stratigraphy into our own science and principles of archaeological stratigraphy. I was able to achieve some resolution to that matter in my doctoral thesis at University College London, completed in late 1978, with the book, *Principles of Archaeological Stratigraphy*, being published the following December.

For interest, I include below an Internet definition of a True System, for it would seem to describe the essence of stratification, the interpretation of which forms the unified whole of a stratigraphic sequence, or Harris Matrix.

“A “true system” refers to a cohesive, interconnected group of components that act together according to a set of rules to form a unified whole. Unlike a mere collection of parts, a true system is characterized by interdependence, where changing one component affects others, and emergence, where the system produces results that individual parts cannot achieve alone.”

By “true system”, I also reiterate my belief from its creation that the Harris Matrix was a correct system, perhaps by sheer happenstance, and that “Garbage Out” was not due to the Matrix itself but to the original, inadequate recording of the stratification of the site.

Clio Arqueológica: The Harris Matrix has become one of the most influential methodological tools in modern archaeology. In your opinion, what was the main misconception or misunderstanding that archaeologists initially had about the Matrix and its application?

Edward Harris: The main objection to the Harris Matrix came from the fact that the paradigm of the physical section was changed to the abstract stratigraphic sequence, expressed in the matrix diagrams. So, if you will, the objection was a cultural one, not necessarily a scientific one. A few geologists also objected, but overall, most have accepted that the change was important and necessary, for the state of stratigraphic records from archaeological sites was potentially a major scandal. The lack of proper stratigraphic records means that many sites worldwide before the 1980s are but evidence of digging holes into oblivion for the topographic history of an area.

However, it may well be that some archaeologists objected to the changes wrought by the coming of the Harris Matrix because of the nature of previous recording on archaeological sites. The Matrix and the associated concepts and rules for recording of stratifications illuminated some of the inadequate methods of earlier archaeological work and that exposition may not have been well-received by some archaeologists. There is also a cultural sense that in some circles the section became symbolic of an archaeological cult and thus to criticize it amounted to blasphemy.

The fact that the Harris Matrix and associated concepts remain powerful and useful 50 years on may underscore that objections to the paradigm change have abated.

Clio Arqueológica: Your methodological proposal helped make the temporal relationships between archaeological contexts more explicit. In your perspective, is the archaeological record something that archaeologists discover, or something that they also, in some way, construct through interpretation?

Edward Harris: The value of using the Harris Matrix during excavation means that stratigraphic relationships will not be overlooked, as each unit is placed in the sequence upon discovery: immediately, not months or years after the dig. With the Matrix being built as excavated, each digger knows their place in the stratigraphic sequence, so the stratigraphic relationships of the units, or contexts, is completely explicit, there on the wall of the site hut for all to see.

The stratigraphic record of an archaeological site is an unbiased record of past events and aftermaths of people living in an area, but no one sets out to create a stratification record. Of course, an excavating archaeologist must make judgements about the extent of a surface, before recording it, prior to the excavation or removal of such deposits as “supports” that immaterial surface. While one might err on defining the limits of a surface or in the excavation of a deposit, the stratigraphic sequence will construct itself as units are defined.

In other words, an archaeologist who does not have the aptitude for excavation will likely misinterpret the limits of surfaces and deposits, but they must record the surface before commencing the digging. In so doing, the unit takes its place in the sequence, regardless of the possible misinterpretation of the unit. If surfaces are mapped and under / over stratigraphic relationships are recorded, the stratigraphic sequence builds itself, even if some of the physical records are slightly incorrect.

The archaeologist obviously discovers the lay of the land, the units of stratification, by their abilities to interpret changes in surfaces and deposits. They are always seeking to answer the question of any two units, “Which came first”, the principal interpretation in making the stratigraphic sequence. Obviously, the unbiased stratigraphic record exists to be discovered (and ultimately destroyed) in excavation. It is up to the excavating archaeologist to ensure that his interpretation and recording of that discovered reality is up to the charge of making a stratigraphic sequence diagram and that the surfaces of the site have been captured, so that its reconstruction can be composed for every time period of the site.

The value of the Harris Matrix is that it has systematized the recording of stratification, against patterns of the past where each excavation director could make up their own system, resulting in chaos across the profession. The interpretation of the cultural and historical significance of the contained remains of the strata and the topographical evolution of the surface of a site can be left to experts in any number of fields of archaeological research. Such experts are given the Matrix diagram, the stratigraphic sequence, which forms the “testing pattern” against which much of their interpretations must be analyzed and tested.

Such non-excavating experts must be fluent in the science and principles of archaeological stratigraphy, for if conflict of their interpretation occurs, it will usually be the artefacts, or whatever contained remains, that are the problem, not the unbiased stratigraphic sequence. Unlike strata, artefacts are suspect as they can move without losing their original composition. Their interpretation must be tested within the unit they were discovered and against other objects in the immediate stratigraphic chain in which their specific unit is embedded. If objects are chronologically out of sync in such a chain, the sequence cannot be changed or “overturned”, but explanations must be found as to why the artefacts are out of alignment with others in the sequence, in absolute time.

The excavating archaeologist must first and foremost be a skilled “stratigrapher” to ensure that stratigraphic data is not lost, because excavation is destruction. If the excavator does not capture the stratigraphic sequence properly during excavation, it is likely unrecoverable in later analyses. The interpretations that follow may or may not be correct, but the stratigraphic sequence on which those interpretations are based must be flawless.

The importance of world-wide systematization in archaeological cannot be emphasized too much. Stratification is everywhere the same, regardless of cultural or chronological contexts and must be recorded on the Matrix standard. One of the fundamental tenets of archaeological training must be that of the Matrix and stratigraphic principles of recording, which are the precursors to any later interpretations. If students cannot master stratigraphic principles, they should certainly not be allowed to excavate. Further, if they are unable to assimilate such principles, their later work in many forms of “expert” research must be suspect. Good interpretation results, no matter the subject, are irrevocable dependent upon good systematized stratigraphic records, the universal methods of which have now been established for archaeology by the Matrix and its principles.

What the the eminent geologist, Sir Charles Lyell, said of stratification over a century ago, can equally be applied to archaeological sites, as our remains, if you will, are but the latest and “Greatest Unconformity” in the history of stratification on Earth.

“But the testimony of geological monuments [stratification], if frequently imperfect, possesses at least the advantage of being free from all intentional misrepresentation. We may be deceived in the inferences which we draw...but our liability to err is confined to the interpretation, and if this be correct, our information is certain.” (emphasis added)

Clio Arqueológica: You acquired the copyright to your book in order to make it freely available on your website. What does it mean to you to make this work openly accessible to the archaeological community?

Edward Harris: It is of utmost importance that excavating archaeologists work stratigraphically, while digging, and, as important, in their recording methods. Unlike many scientific experiments, archaeological ones that involve the excavation and thus destruction of a site cannot be replicated. The physical ingredients that would make up the recipe of the experiment have only been partially sampled and the remainder discarded.

What we can do is to reconstruct the surfaces of a site and thus its topography and geography through time: that can only be done if our principles of stratigraphic recording are followed and stratigraphic sequences made. I believe the principles of archaeological stratigraphy are immutable, unchanging over time, and that they have been reasonably stated in *Principles of Archaeological Stratigraphy*. Regardless of the cultural context, those principles are everywhere applicable and represent the best way to capture the stratigraphic history of each unique site.

In order to encourage the use of the principles, I decided to give the book away, after buying out the remainder of the second edition from the publishers and thus retrieving the copyright to all my work. Other archaeologists have agreed with that concept and thus a dozen other language editions are also available for free downloading at www.harrismatrix.com. The website today is supported by American friends, who are not archaeologists, but who understand the intention of the free dissemination of such principles in archaeology worldwide. The original website was created by Professor Dr Wolfgang Neubauer and colleagues at the University of Vienna in 2005, for which we are thankful.

Clio Arqueológica: The book has been translated into more than ten languages. How do you perceive the global reach of the Harris Matrix and of your work across different archaeological traditions around the world?

Edward Harris: From the website in the last ten years there have been over twelve thousand downloads of *Principles* as PDFs. Given that a PDF can be shared at will, one suspects that many thousands of archaeologists, students of archaeology and people interested in the subject have obtained copies of the book and thus have been influenced to “do it right”! The Internet has made it possible to reach the archaeological profession far and wide, and thus there is no excuse for improper stratigraphic work on any excavation anywhere!

Clio Arqueológica: If you could return to 1973, to the moment when the Matrix was created, would you do anything differently?

Edward Harris: The correct recording of the stratigraphic data of archaeological sites is fundamental to the ethical standards that archaeologists must have. If anything in hindsight was to be done differently, I would have been even more passionate and dogmatic about spreading the word that the paradigm of archaeology needed to change and it had been done through the Harris Matrix.

Clio Arqueológica: Is there any aspect of your academic or professional trajectory that is not widely known but that you would like to share with our readers?

Edward Harris: After a court case over rights to publish in archaeology, in 1980 I returned to my native island and ultimately became the first director of what we turned into the National Museum of Bermuda. It was to be for a six-month stint that ended after 37 years in 2017: we did a lot of archaeology and other good heritage projects.

Clio Arqueológica: What excites you about archaeology today?

Edward Harris: Harking back to the fundamental importance of recording surfaces (a tedious business in older times), the invention of laser scanning, GIS, and other digital recording and interpretation methods have made modern excavations a dreamlike exercise for older archaeologists who had to do it all by hand. The reconstruction of topography for example can be done with the press of a button: what a wonderful stratigraphic world it is now for all in archaeology.

Clio Arqueológica: Is there something that archaeology has taught you about life beyond the scientific field?

Edward Harris: I always have said in my lectures on principles, if you can learn to think stratigraphically, it will change the way you look at the world, irrevocably and for the better!

Clio Arqueológica: What advice would you give to young researchers and archaeologists who are just beginning their careers in the discipline?

Edward Harris: You are entering one of the most wonderful professions ever created: you are the peoples of the Past, they are relying on you to do it right, to do it stratigraphically, By your perfect work in archaeological stratigraphy, they may live again when all other vestiges of their life and times are but sand and surfaces in a mass of stratification.

Finis

REFERÊNCIAS

Livros

- HARRIS, Edward C. *Principles of archaeological stratigraphy*. London: Academic Press, 1979.
- HARRIS, Edward C. *Pillars of the bridge*. Bermuda: Bermuda Maritime Museum Press, 1991.
- HARRIS, Edward C.; BROWN III, Marley R.; BROWN, Gregory J. (org.). *Practices of archaeological stratigraphy*. London: Academic Press, 1993.
- HARRIS, Edward C. *Bermuda forts, 1612–1957*. Bermuda: Bermuda Maritime Museum Press, 1997.
- HARRIS, Edward C. *Heritage matters: essays on the history of Bermuda*. v. 1. Bermuda: Bermuda Maritime Museum Press, 2007.
- HARRIS, Edward C.; McGOVERN, Terrance. *Defenses of Bermuda, 1612–1995*. Oxford: Osprey Publishing, 2018.

Artigos publicados selecionados relacionados à estratigrafia arqueológica

- HARRIS, Edward C. Units of archaeological stratification. *Norwegian Archaeological Review*, Oslo, v. 10, n. 1–2, p. 84–94, 1977. DOI: <https://doi.org/10.1080/00293652.1977.9965274>.
- HARRIS, Edward C. The laws of archaeological stratigraphy. *World Archaeology*, London, v. 11, n. 1, p. 111–117, 1979. DOI: <https://doi.org/10.1080/00438243.1979.9979753>.
- HARRIS, Edward C. Archaeological Stratigraphy: A Paradigm for the Anthropocene. *Archaeology of the Anthropocene. Journal of Contemporary Archaeology*, Oxford, v. 1, n. 1, p. 105–109, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1558/jca.v1i1.73>.
- HARRIS, Edward C. The Sphinx of Inverurie. *The Royal Gazette*, 8 jul. 2017.
- HARRIS, Edward C.; GUNN, R. G. The use of Harris matrices in rock art research. In: DAVID, Bruno; McNIVEN, Ian J. (org.). *The Oxford handbook of the archaeology and anthropology of rock art*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 911–926.